



**Ana Paula Alencar
Katharyna Barros**

MÍDIA-EDUCAÇÃO PARA ADULTOS: UMA QUESTÃO DE INTERAÇÃO SOCIAL

Monografia

Monografia apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da PUC-Rio como requisito para obtenção do título de Especialista em Mídia, Tecnologia da Informação e Novas Práticas Educacionais. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

Orientadora: Márcia Stein

Rio de Janeiro, fevereiro de 2008

Sumário

Apresentação	4
1. Conceituação teórica	7
1.1. Mídia-educação	7
1.2. Analfabetismo	8
2. Alfabetização de adultos no Brasil: um breve histórico	11
2.1. As três primeiras décadas	11
2.2. Um novo paradigma pedagógico	12
2.3. O governo militar e o Mobral	13
2.4. Os programas oficiais contemporâneos	14
3. A experiência no campo da pesquisa	15
3.1. Os alunos	15
3.2. Regras	16
3.3. Material didático	16
3.4. Futuro	16
3.5. Meios de comunicação e informação	17
3.6. Mudanças que a leitura proporcionou	17
4. Confrontando os dados da pesquisa com os conceitos teóricos	18
4.1. A mídia-educação e a interação com a sociedade	19
4.2. A mídia como facilitadora no processo de aprendizagem	21
4.3. A mídia-educação e o material didático	22
4.4. O espaço para reflexão sobre a mídia	23
4.5. O domínio da escrita e da leitura e sua relação com a mídia	24
4.6. A valorização social a partir da interação com a mídia	25

	3
Conclusão	27
Bibliografia	28
Anexos	29
1.Questionário	29
2. Fotografias	31

Apresentação

O mapa do analfabetismo do Brasil indica: aproximadamente 6 milhões de brasileiros são analfabetos. Parte dessa população tem um nível de renda considerável e apesar de iletrada, é economicamente ativa. Essa mesma população que não possui acesso à escola, tem poder de voto e, portanto, contribui para o desenvolvimento do país. Não pense que os números aqui estão equivocados. Os dados trazidos datam de 1889 e foi feito por ocasião da primeira publicação a tratar do perfil da educação brasileira.

A presente monografia pretende, portanto, trazer à tona a discussão sobre a importância da erradicação do analfabetismo no Brasil. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), mais de um século depois, os números são ainda mais assustadores, hoje somos compostos por uma população onde 16.295 milhões de jovens e adultos ainda está à margem do processo educacional, sem frequentar a escola, mas que também é ativa economicamente falando, tem poder de voto, e contribui para o desenvolvimento do país.

Pensar a educação contemporânea e relacioná-la à realidade social brasileira é a motivação principal deste estudo de caso. Ambientado no bairro mais conhecido do Rio de Janeiro, Copacabana, procuramos conhecer de perto uma escola onde ainda, e infelizmente, a alfabetização de jovens e adultos existe, contradizendo a realidade cosmopolita da região que também é concentradora de renda e nível de escolarização.

Em 2007, o Brasil completa quase oito décadas de luta oficial contra o analfabetismo. Não foram poucas as tentativas, mas o fato é que além do letramento, recolocar socialmente jovens e adultos marginalizados da escola implica em novas análises sobre as ações político-pedagógicas em vigor. Saber ler é o suficiente? Essa é a pergunta principal que norteou a pesquisa. O que é preciso para que uma pessoa recém-alfabetizada seja reconhecida socialmente? E na sociedade da informação, onde as tecnologias ditam e estabelecem novas fronteiras, ler é o bastante? Em outras palavras, compreender e utilizar o código

da palavra escrita e sua leitura é suficiente para o desenvolvimento e construção individual e social atualmente?

Segundo definição da Unesco, alguém pode ser caracterizado como analfabeto funcional desde que não possa “participar de todas as atividades nas quais a alfabetização é requerida para uma atuação eficaz em seu grupo e comunidade (...)” ou que seus conhecimentos não lhe permita “continuar usando a leitura, a escrita e o cálculo a serviço de seu próprio desenvolvimento e do desenvolvimento da sua comunidade”.

Partindo da preocupação acima, caminhamos nossos estudos rumo ao entendimento desta sociedade midiaticizada, porém, repleta de falhas estruturais que comprometem o pleno desenvolvimento de seu povo. Para isso, observamos como as relações entre mídia, informação e educação se constroem no ambiente escolar da educação de jovens e adultos (EJA).

Nesta pesquisa, reunimos conceitos-chave de mídia-educação trazidos ao longo da Pós-graduação em Mídia, Tecnologia da Informação e Novas Práticas Educacionais. Mas que na maioria das vezes estavam relacionados às crianças e aos adolescentes. Quisemos ir além, observar o homem trabalhador, que é bombardeado pelas mídias, que tem poder de compra e que consome, mas que ainda não possui uma escolaridade suficiente para torná-lo um cidadão crítico o suficiente, capaz de atuar com eficácia em seu grupo e sua comunidade, tal como preconiza a Unesco.

De posse de uma série de conceitos teóricos, nos dispusemos a realizar uma observação em campo, numa escola de alfabetização de adultos, onde não existe a prática mídia-educativa. Pensamos no que seria possível para que aquelas pessoas pudessem interagir com as mídias, especialmente os veículos de massa – cujo acesso é unanimidade entre os pesquisados.

Neste estudo de caso, é importante salientar, não há uma crítica à política pedagógica implementada na escola. Há, sobretudo, uma preocupação em pensar a mídia no contexto escolar; há a preocupação em diminuir ainda mais o abismo

entre sociedade midiaticizada e pessoas semi-alfabetizadas ou com pouco letramento.

Mas antes de entrarmos no contexto da pesquisa propriamente dita, vamos tratar de conceitos fundamentais para compreender esse estudo de caso.

1. Conceituação teórica

1.1. Mídia-educação

Compreende-se por mídia-educação a possibilidade de uso educativo das tecnologias de informação e comunicação a favor da formação das pessoas. Segundo a autora Maria Luiza Belloni, é a compreensão de que:

“do ponto de vista da socialização das novas gerações, a cultura e a comunicação (mediatizadas por tecnologias cada vez mais sofisticadas e de funcionamento opaco para a maioria dos usuários) vão se transformar: cresce a importância das interações ‘mediatizadas’ e das mensagens simbólicas mundializadas”. (BELLONI, 2005, p.6)

Portanto, fazer mídia-educação é pensar reflexivamente e questionar duas estruturas fundamentais para a sociedade contemporânea: a escola e os veículos de comunicação.

Muniz Sodré reconhece que “a sociedade contemporânea (dita pós-industrial) rege-se pela midiatização, quer dizer pela tendência à virtualização das relações humanas, por isso o conceito de **sociedade midiatizada** é estabelecido”. Sodré vai além, para ele: “a midiatização implica (...) uma qualificação particular da vida, um novo modo de presença do sujeito no mundo (...)” onde a convergência midiática, de tecnologias e de possibilidades de comunicação são os pautadores dessa ‘qualificação’.

É no campo do qualificar que a escola, instituição responsável pela educação formal dos indivíduos, é chamada a participar desse processo de construção da sociedade midiatizada. Entretanto, essa é uma leitura muito universal do caso. Em se tratando de Brasil, onde os problemas histórico-estruturais ainda são empecilhos para a educação elementar das pessoas, o tal pensar midiático fica relegado a segundo plano.

Justificativa ou desculpa? A resposta não vem ao caso, pelo menos não neste momento, mas o fato é que a preocupação que não é recente e torna-se

urgente a cada dia, em função do abismo entre educação e sociedade contemporânea crescer ainda mais com o passar do tempo.

1.2. Analfabetismo

O livro História da Instrução Brasileira, escrito no ano de 1889, traz dados ainda muito semelhantes à realidade deste iniciado século XXI. Esta obra é considerada precursora na análise do sistema educacional do Brasil, revelando, já naquele tempo, o quão preocupante era a questão do analfabetismo.

E se nos dias atuais ainda convivemos com a falta de acesso à escola e esse obstáculo só compromete as oportunidades de desenvolvimento pessoal e social, cabe-nos compreender e perguntar como erradicar o analfabetismo no Brasil de maneira que jovens e adultos consigam, efetivamente, compreender e utilizar as mídias a seu favor, sem, contudo, estarem passivos diante do que lhes é oferecido pelos meios de comunicação.

Partindo do pensamento de Martín-Barbero, reconhecido por apontar novos caminhos e questionamentos ao fazer midiático, encaminharemos os estudos e questionamentos aqui levantados rumo ao entendimento da relação mídia e adultos, suscitando os vários “porquês e para quês” pensar a mídia-educação para adultos. Estariam, de fato, adultos e sociedade livres da influência da mídia-educação? Como adultos, ainda à margem do processo educacional, interagem com as mídias? E na relação letramento<>mídia é possível estabelecer um diálogo entre esses dois mundos?

Como bem lembra a pesquisadora Maria Luiza Belloni, já faz mais de 40 anos que Mc Luhan lançou o desafio “o meio é a mensagem” (Belloni, 2005, p. 06). E foi em volta desta afirmação que muitos estudos se desenvolveram, reconhecendo que um veículo de comunicação transmitiria muito mais que o conteúdo aos olhos de quem recebesse tal mensagem.

Iniciado nos anos 30, os estudos em mídia-educação apontaram para a necessidade de observar a utilização da mídia a favor da educação formal.

Escolas, no contexto da educação formal, e empresas de comunicação, ao desenvolver seus produtos, precisariam caminhar lado a lado, no sentido de contribuírem juntos ao processo de formação dos indivíduos.

Façamos aqui um adendo: a maioria dos estudos em mídia-educação foi feita em países cujo analfabetismo foi quase que extinto. No Brasil, essa realidade é outra: aproximadamente 13,6% da população brasileira ainda é analfabeta. Um número bastante elevado para um país com proporções continentais. Em contrapartida, 96% das residências possui algum tipo de veículo de comunicação, sendo a televisão o principal deles.

Maria Luiza Belloni faz o alerta aos educadores quando revela em seu livro “O que é mídia-educação?” alguns depoimentos de adolescentes sobre o fato de eles aprenderem, ou não, algo com a TV. E as respostas são as mais variadas possíveis, desde comportamento, informação, sociedade, sexo e às vezes até em reconhecerem que não aprendem “nada”. Entre os adultos não são raras as vezes em que percebemos o quanto a moda de roupas e cabelos chega às ruas reproduzidas em mulheres dos mais variados níveis sociais. Homens se dizem tentados a adquirirem bens anunciados pela mídia, carros, celulares... E as crianças... Bem, as influências que elas sofrem são inúmeras e já são muito exploradas por aí. A pesquisa de Belloni aponta que os adolescentes vêm a televisão como uma legitimidade tal qual a escola possui.

Em 1989, o educador Paulo Freire, à frente de mais um projeto político-educacional, manifestava a preocupação com a revisão da postura conteudista da escola: “A escola não é o único espaço da veiculação do conhecimento”, incitando a sociedade a “possibilitar a interação de práticas educativas para contribuir para a formação do sujeito popular enquanto indivíduos e conscientes de suas possibilidades de atuação no contexto social.”

O entendimento de esta reformulação da escola não seria algo simples e imediato, Freire considera: “educadores, há que se saber lidar com os déficits históricos da educação brasileira – déficits qualitativos e quantitativos’. Não à toa

um sem número de projetos para a erradicação do analfabetismo foram implementados até aqui.

2. Alfabetização de adultos no Brasil: um breve histórico

2.1. As três primeiras décadas

As primeiras iniciativas públicas de educação básica de adultos no Brasil surgiram na década de 30, motivadas pelas transformações sociais ligadas ao processo de industrialização que gerou uma migração do campo para os centros urbanos. Mas foi com o fim da ditadura Vargas, na década de 40, que o esforço do governo se intensificou. Com o processo de redemocratização era necessário aumentar as bases eleitorais e integrar os recém chegados imigrantes europeus. Assim, em 1947 foi lançada a Campanha Nacional de Educação de Adultos.

A campanha propunha a alfabetização em três meses e a condensação do curso primário em dois períodos de sete meses. E na seqüência, os educandos eram estimulados a participar da etapa de “ação em profundidade”, voltada à capacitação profissional. Foram criadas muitas escolas supletivas nesse período, mas no início da década de 50 o entusiasmo começou a diminuir e logo a campanha se extinguiu.

Nesse período o analfabetismo era entendido como causa da situação econômica, social e cultural do país. Essa concepção legitimava a visão do adulto analfabeto como incapaz e marginal, identificado psicologica e socialmente com uma criança. Mas antes do final da década de 50 essa visão já tinha sido modificada, graças a alguns educadores que com base em teorias mais modernas da psicologia, desmentiram as teorias sobre as dificuldades de aprendizagem dos adultos.

A confiança nesse novo conceito e a difusão de um método de ensino de leitura para adultos, conhecido como Laubach, inspiraram o Ministério da Educação a produzir um material didático específico para o ensino da leitura e da escrita para os adultos, orientado pelo método silábico. O material era composto de lições de memorização de padrões silábicos, através dos quais se formavam palavras e frases. Nas últimas lições haviam pequenos textos contendo orientações

sobre preservação da saúde, técnicas simples de trabalho e mensagens de moral e civismo.

2.2. Um novo paradigma pedagógico

A partir da década de 60, inspirados nas críticas à superficialidade e à inadequação do método silábico para a população adulta e para as diferentes regiões do país, novos programas foram empreendidos por intelectuais, estudantes e católicos engajados. Todos comprometidos com a consolidação de um novo paradigma pedagógico para a educação de adultos, cuja referência principal era Paulo Freire e seu método baseado na frase: “A leitura do mundo precede a leitura da palavra”.

De acordo com Paulo Freire, o educador deveria fazer uma pesquisa sobre a realidade do grupo junto ao qual iria atuar. Depois, fazer um levantamento de seu universo vocabular, ou seja, das palavras utilizadas pelo grupo para expressar essa realidade. Desse universo, o educador deveria selecionar as palavras que expressassem as situações mais importantes. Na seqüência, deveria selecionar um conjunto que contivesse os diversos padrões silábicos da língua e organizá-los segundo o grau de complexidade.

Assim seriam encontradas as palavras geradoras, a partir das quais se realizaria tanto o estudo da escrita e da leitura como o da realidade. Ele propunha ainda um momento inicial onde o educador deveria dirigir uma discussão na qual fosse sendo evidenciado o papel ativo dos homens como produtores de cultura. O objetivo era, antes mesmo de iniciar o aprendizado da escrita, levar o educando a assumir-se como sujeito de sua aprendizagem, como ser capaz e responsável.

Nesse período, foram produzidos diversos materiais de alfabetização orientados por esses princípios. O que caracterizava esses materiais era não apenas a referência à realidade imediata dos adultos, mas, principalmente, a intenção de problematizar essa realidade.

Atuaram nesse movimento os educadores do Movimento de Educação de Base, ligado à CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil), dos Centros de Cultura Popular, organizados pela UNE (União Nacional dos Estudantes) e dos Movimentos de Cultura Popular, que reuniam artistas e intelectuais. Em janeiro de 1964, o Governo Federal aprovou o Plano Nacional de Alfabetização que previa a disseminação por todo Brasil de programas de alfabetização orientados pela proposta de Paulo Freire. Mas o projeto foi interrompido alguns meses depois pelo golpe militar.

2.3. O governo militar e o Mobral

Com o golpe militar de 1964, os programas de alfabetização e seus promotores foram duramente reprimidos, até que em 1967, o regime militar se viu obrigado a tomar providências quanto à grave situação do analfabetismo no país e lançou o Mobral — Movimento Brasileiro de Alfabetização. E em 1969 lançou numa Campanha massiva de alfabetização e instalou comissões municipais para a execução das atividades. Porém, a orientação, a supervisão pedagógica e a produção de materiais didáticos foram centralizadas. O material didático produzido pelo Mobral reproduziu muitos procedimentos do método Paulo Freire, porém esvaziado de todo sentido crítico e problematizador.

Durante a década de 70, o Mobral expandiu-se por todo o território nacional, diversificando sua atuação. Dessas derivações, a mais importante foi o PEI — Programa de Educação Integrada, que correspondia a uma condensação do antigo curso primário e abria a possibilidade de continuidade de estudos.

Paralelamente, grupos dedicados à educação popular continuaram a realizar experiências pequenas e isoladas de alfabetização de adultos com propostas mais críticas. Essas experiências eram ligadas a movimentos populares em oposição à ditadura, comunidades religiosas de base, associações de moradores e oposições sindicais. Paulo Freire, que fora exilado, seguia trabalhando com educação de adultos no Chile e depois em países africanos de língua portuguesa.

Com o início da abertura política na década de 80, alguns estados e municípios ganhavam autonomia com relação ao Mobral, e seus educadores promoveram uma reorientação dos programas e material didático. Mesmo assim, o Mobral continuou desacreditado nos meios políticos e educacionais e foi extinto em 1985.

2.4. Os programas oficiais contemporâneos

No lugar do Mobral, o Governo Federal criou a Fundação Educar que abriu mão de executar diretamente os programas, passando a apoiar financeira e tecnicamente as iniciativas de governos, entidades civis e empresas a elas conveniadas.

Nesse período de reconstrução democrática, muitas experiências de alfabetização ganharam consistência e um avanço importante foi a incorporação de uma visão de alfabetização como processo que exige um certo grau de continuidade e sedimentação. Os programas mais recentes prevêm um tempo maior dedicados à alfabetização e pós-alfabetização, de modo a garantir que o jovem ou adulto atinja maior domínio dos instrumentos da cultura letrada.

Atualmente, a maioria dos programas reproduz os livros didáticos utilizados no ensino primário regular, adaptados para uma temática mais adulta. Os textos, sempre simplificados, referem-se ao mundo do trabalho, problemas urbanos, saúde e organização política como tópicos curriculares de Estudos Sociais e Ciências. Entre as propostas de exercícios de escrita, aparecem os questionários nos quais é solicitada a reprodução dos conteúdos dos textos.

O fato é que, como bem mencionamos anteriormente, escolhemos uma escola de EJA em Copacabana, no Rio de Janeiro, cuja realidade local compreende universos elitista e popular, e experimenta e consome as mais variadas manifestações midiáticas. Num total de 10 dias observamos, à luz dos vários pensadores que conhecíamos como se estabelecia a relação entre escola e mídia.

3. A experiência no campo da pesquisa

O estado do Rio de Janeiro ocupa o segundo lugar no ranking de maior concentração de analfabetos entre jovens com 15 anos ou mais, são 403.508. A pesquisa, sediada na capital do Rio de Janeiro, em Copacabana, está no bairro mais conhecido do Brasil.

Famoso pelas suas praias, vida cultural e pela gente que nele mora, Copacabana é também um lugar de contrastes. Sua população está entre as de maior renda *per capita* do país, onde o nível de escolaridade é bastante elevado. Mas sua classe popular, advinda das mais variadas regiões do Brasil, especialmente do Nordeste. E foi observando esses jovens e adultos, que convivem com pessoas de diferentes níveis culturais, têm acesso a vários veículos de comunicação de massa e que se preocupam com a educação de suas famílias, que dedicamos nossos estudos.

Na Escola Popular São Paulo Apóstolo, fundada em 1945, passamos vários dias observando, conversando e trocando experiências com alunos que desconhecem a mídia-educação, e, entretanto, são capazes de perceber o quanto a mídia acrescenta às suas vidas, alimentando muitos desejos.

3.1. Os alunos

Em todas as turmas de alfabetização de adultos a maioria são mulheres que trabalham como empregadas domésticas. A faixa etária é muito diversa, vai de 18 a 70 anos. A maioria é alfabetizada na própria escola e nunca frequentou uma escola antes.

Na turma de 1ª série, onde passamos mais tempo, apenas duas alunas nasceram no Rio de Janeiro, todos os outros vieram do Nordeste do país. Todos trabalham em Copacabana, alguns também moram no bairro ou passam a semana na casa dos patrões. Outros moram em Niterói, na Baixada Fluminense ou na região Norte da cidade.

Todos gostam de morar no Rio de Janeiro e não pensam em voltar para seus estados de origem, principalmente porque filhos e netos já nasceram no Rio de Janeiro. Mas acham difícil morar na cidade porque tudo é muito caro.

Quase todos possuem celular e o sonho de consumo mais comum é a casa própria.

3.2. Regras

Os alunos pagam uma mensalidade de R\$ 30,00 e só podem entrar na escola uniformizados, assim como os professores. As salas de aulas são utilizadas por crianças durante o dia, por isso são decoradas com motivos infantis que apresentam o alfabeto, números e partes do corpo humano.

Durante as aulas as salas ficam muito organizadas com as cadeiras sempre em fileira.

3.3. Material didático

O livro didático utilizado pela maioria dos professores é o mesmo indicado para crianças de séries equivalentes, por isso extremamente infantil. Apenas uma professora não utiliza o livro didático justamente por achá-lo infantil demais para a turma. Para as aulas de leitura, ela adotou o livro 'A mão e a luva' de Machado de Assis.

Por se tratar de uma escola católica, uma vez por semana os alunos têm 30 minutos de aula de religião.

3.4. Futuro

A maioria quer continuar estudando até quando for possível e alguns sonham em fazer um curso universitário. Uma das alunas quer estudar Direito e se tornar juíza, os outros querem fazer cursos de Administração de Empresas, Nutrição e Educação Física.

3.5. Meios de comunicação e informação

Todos os alunos dizem que lêem jornal todos os dias, mesmo que sejam apenas alguns trechos. A maioria lê o jornal O Globo porque tem acesso na casa dos patrões, mas quando compram preferem o jornal Meia Hora, principalmente por causa do preço.

A maioria não acha que ficou mais informada depois que aprendeu a ler. Acreditam que as informações do rádio e da televisão são suficientes para se manterem informados sobre os acontecimentos.

Todos assistem à televisão, principalmente à noite e ouvem muito o rádio. Mas nenhum deles utiliza computador e internet. Não se sentem capazes, têm medo e vergonha de não saber usar. Na casa dos patrões não têm autorização para usar a internet.

3.6. Mudanças que a leitura proporcionou

Todos afirmam que um dos grandes ganhos de aprender a ler foi ter autonomia nos caixas eletrônicos. Também citam que utilizar ônibus coletivos ficou mais fácil porque agora conseguem ler o destino.

No trabalho já conseguem ir ao supermercado fazer as compras solicitadas e aprenderam a cozinhar novos pratos lendo as receitas. Apenas uma das alunas disse que resolveu estudar para conseguir um emprego melhor.

4. Confrontando os dados da pesquisa com os conceitos teóricos

A proposta dessa pesquisa era observar e analisar as iniciativas de mídia-educação da Escola Popular São Paulo Apóstolo. O recorte foi feito considerando a localização e o público da escola, ou seja, empregadas domésticas e porteiros de um bairro conhecido e visitado por pessoas do mundo todo, portanto exposto e representado em praticamente todas as mídias disponíveis no mundo contemporâneo.

Contudo o que encontramos foi a ausência de qualquer atividade ligada ao entendimento e à reflexão sobre as mídias. Essa falta de preocupação com os códigos necessários para a compreensão e interação com os meios modernos de comunicação nos levam à seguinte pergunta: dominar apenas o código da palavra escrita e sua leitura é suficiente para a interação em sociedade atualmente?

Para constatarmos nosso objeto de pesquisa, elaboramos previamente um questionário, a ser inicialmente, aplicado aos alunos da classe escolhida. Porém, as aplicações iniciais foram decisivas para o rumo final que a pesquisa tomou. Os alunos, em função da não existência de um projeto convergente e esclarecedor sobre a mídia, não verbalizavam um conhecimento claro sobre o lugar deles na sociedade nem como poderiam lidar com a mídia.

Visto isso, optamos por utilizar o questionário, em anexo, como um roteiro para a conversa realizada em sala de aula com todos os estudantes. A escolha feita teve sucesso, pois apesar da timidez inicial, a turma conseguiu completar as respostas uns dos outros, correspondendo assim às nossas expectativas. O que se pode ler a seguir são as constatações desses dias de observação e da conversa que expressou o senso comum da turma.

Note-se, contudo, que o questionário, ainda que não utilizado para a aplicação individual com todos os alunos, serviu sobremaneira para a condução da conversa coletiva, tendo todos os seus pontos e perguntas sido realizados.

4.1. A mídia-educação e a interação com a sociedade

Antonio Joaquim Severino, no prefácio do livro “A importância do Ato de Ler”, de Paulo Freire (1982), afirma que “alfabetizar-se é, antes de mais nada, aprender a ler o mundo, compreender o seu contexto, não numa manipulação mecânica de palavras mas numa relação dinâmica que vincula linguagem e realidade”. Se estamos falando de uma sociedade permeada por meios de comunicação de massa onde detém o poder quem transmite a informação e usa para isso técnicas e códigos que vão além da palavra escrita, não podemos mais falar em alfabetização apenas pelo alfabeto e operações matemáticas. Não é mais possível ler o mundo e compreender o seu contexto sem conhecer a linguagem das mídias.

As razões pelas quais a mídia deve ser levada para as salas de aula, inclusive para as turmas de jovens e adultos, são apontadas por vários teóricos, como Len Masterman e Maria Luiza Belloni. E são facilmente percebidas por qualquer educador atento à realidade que o cerca.

Podemos começar pelo consumo elevado de mídias e a sua importância ideológica, principalmente na publicidade. Só isso bastaria para a mídia ser tema em todas as esferas da educação. Mas temos ainda outras evidências como a gestão, cada vez mais articulada, da informação nas empresas, no governo e nos partidos políticos, e seu papel determinante nos processos democráticos.

Não é novidade que as eleições são, cada vez mais, eventos midiáticos. Quando tratamos de alfabetização de adultos estamos falando de eleitores, que sem um espaço para discutir, apreender e refletir sobre o poder de persuasão das mídias ficam excessivamente expostos, mesmo considerando a bagagem cultural de cada indivíduo e o seu poder de mediação.

E não é apenas na política. A influência da comunicação visual e da informação está presente em todos os campos da vida social, agravados pelas privatizações de todas as tecnologias da informação. Ou seja, quando a informação se torna uma mercadoria, seu papel e suas características mudam e as

pessoas precisam, cada vez, saber ler seus códigos para interpretar essa informação.

Para Belloni, há também uma expectativa dos educandos. Eles anseiam por um espaço para essa compreensão. Em suas palavras, “que sentido há em martelar uma cultura que evita cuidadosamente as interrogações e as ferramentas do seu tempo?”

Portanto, para Belloni e vários outros estudiosos, que se ocupam da educação para as mídias, dominar a linguagem da televisão, do cinema e de outros meios é a única forma de não ser dominado por eles. “Perceber os truques, compreender suas técnicas de persuasão, desmontar sua magia para ver como funciona”, é o que aconselha Belloni como fundamental para o exercício da recepção crítica das mensagens das mídias. E completa, “sem uma educação adequada de formação para a apropriação crítica desses dispositivos técnicos, corremos o risco de criar não uma sociedade de informação, mas uma sociedade de ciberexcluídos ou de cibernáufragos.”

Quando um programa de alfabetização de adultos desconsidera essa realidade, ignora que está formando indivíduos incapazes de interagir com a sua realidade. Nas palavras de Paulo Freire “a alfabetização e a pós-alfabetização (...) não podem deixar de propor aos educandos uma reflexão crítica sobre o concreto, sobre a realidade nacional, sobre o momento presente.”

Um exemplo prático da estranheza dos recém-alfabetizados com as mídias atuais é o caso de uma das alunas da 1ª série, que já alfabetizada, tentou se inscrever em um evento esportivo pela internet. Ela tentou fazer a inscrição, pagou por ela e no final descobriu que não estava inscrita porque não finalizou a solicitação de participação. Assim como esse, vários outros depoimentos sobre o uso da internet estão associados à estranheza e até mesmo medo do desconhecido mundo da internet.

A necessidade de uma educação para os meios não está somente na percepção crítica do mundo, mas primeiro, talvez, no desenvolvimento de habilidades para a utilização prática das mídias.

4.2. A mídia como facilitadora no processo de aprendizagem

Ângela Kleiman, professora e pesquisadora da Unicamp, concluiu após algumas pesquisas de campo que “aprender ler e escrever é um processo de conflito, que mexe com o discurso e envolve mudanças internas subjetivas e externas sociais que às vezes se tornar difícil e até inviável para o adulto.” Nesse ponto a questão que formulamos é até onde a mídia-educação pode contribuir para uma melhor assimilação dessas mudanças? Afinal a mídia promove inovações diárias que são, em sua grande parte, absorvida por essas pessoas.

Na Escola Popular São Paulo Apóstolo, por exemplo, apesar das dificuldades em relação a utilização do computador, a maioria dos alunos em processo de alfabetização ou recém-alfabetizados já possuem celular. Além disso, por trabalharem e morarem em um grande centro, mais especificamente em um bairro como Copacabana, estão expostos a uma imensa quantidade de publicidade que busca, continuamente, minimizar o impacto das inovações para popularizar as novas mídias. Enquanto isso, em sala de aula os alunos enfrentam enormes dificuldades para ler e compreender um livro de Machado de Assis, por ser tratar de um discurso diferente do que estão acostumados no seu cotidiano.

Assim como Paulo Freire defendia a alfabetização a partir da realidade da comunidade em questão, atualmente é preciso considerar os discursos e formas de informação que povoam o cotidiano e a partir dela e de sua compreensão apresentar novas estruturas e discursos. Porém, com o objetivo de proporcionar ferramentas que proporcione a esses indivíduos construir o seu próprio discurso.

Uma das técnicas utilizadas por Paulo Freire em sua experiência de alfabetização em São Tomé e Príncipe foi um jogo feito com as palavras que apareciam em grande número de slogans do recém criado governo. Palavras como unidade, disciplina, trabalho e vigilância foram apresentadas nos cadernos de

alfabetização com o objetivo de “recuperar a sua significação mais profunda, ameaçada pelo caráter acrítico dos clichês”. Fazendo uma analogia entre essa experiência e a mídia-educação, é urgente trazer para a sala de aula as técnicas e formas utilizadas pelas mídias, desconstruí-las e propor que os alunos façam a sua própria produção e a partir desse exercício consigam interagir com os meios, apreendê-los e construir novos e próprios discursos em relação à realidade.

“Pensar certo não é presente dos deuses nem se acha nos guias de professores que iluminados escrevem desde o centro do poder, mas, pelo contrário, o pensar certo que supera o ingênuo tem que ser produzido pelo próprio aprendiz em comunhão com o professor formador.” Paulo Freire

Assim, está à disposição dos educadores se apropriarem das técnicas das mídias modernas e as utilizarem tanto como facilitadores do processo de aprendizagem, quanto como ferramentas que possibilitem a produção de conhecimento. Portanto, como sinaliza Belloni, a integração da novas tecnologias de informação e comunicação à educação é uma necessidade atual não apenas “como forma de melhorar a eficiência dos sistemas, mas principalmente como ferramenta pedagógica efetivamente a serviço da formação do indivíduo autônomo.”

4.3. A mídia-educação e o material didático

Para Blandin, especialista francês em formação continuada, o correto para qualquer proposta de educação atual, seria uma visão antropocêntrica que coloca o ser humano – no caso da educação, o educando mas também o educador – no centro do processo de comunicação e de informação. Um exemplo da aplicação desse conceito na mídia-educação são as oficinas onde alunos se apropriam da tecnologia e produzem seus conteúdos.

E aqui surge o conceito de *mediatizar*, ou seja, inserir mensagens pedagógicas e decodificá-las nas produções resultantes da apropriação da tecnologia, respeitando as características técnicas e as peculiaridades de discurso do meio tecnológico. “Mediatizar significa conceber metodologias de ensino e

estratégias de utilização de materiais de ensino e aprendizagem que potencializem ao máximo as possibilidades de autonomia.” (Beloni)

Várias iniciativas mostram que a utilização da mídia em sala de aula é produtiva desde a sua utilização como suporte até a exploração de suas infinitas possibilidades para complementar e facilitar o aprendizado do conteúdo básico. Por exemplo, a produção de um programa de rádio em sala de aula, apenas com o uso de um gravador, pode despertar nos alunos a curiosidade pela tecnologia, a reflexão sobre as escolhas e parcialidades que levam a um determinado resultado, além do exercício da escrita na construção do roteiro e do treino da leitura durante a gravação.

Os mesmos elementos podem ser encontrados na produção de um jornal impresso ou na simples discussão após a apresentação de um filme, documentário, programa de televisão e até mesmo propagandas. O importante é sempre permitir que os alunos percebam que na interação com a mídia podem e devem construir significações, reflexões e também seus próprios produtos.

Em mais uma analogia entre o discurso de Paulo Freire e a mídia-educação, “o ato de estudar, enquanto ato curioso do sujeito diante do mundo, é expressão da forma de estar sendo dos seres humanos, como seres sociais, históricos, seres fazedores, transformadores, que não apenas sabem mas sabem que sabem.”

4.4. O espaço para reflexão sobre a mídia

Partindo da premissa defendida, entre outros, por Belloni, de que “a integração da mídia à educação só faz pleno sentido se realizada em sua dupla dimensão: como ferramenta pedagógica e como objeto de estudo”, é preciso que os educadores, e aqui estamos tratando especificamente dos alfabetizadores de jovens e adultos, encontrem e reservem um espaço em suas práticas para a reflexão sobre a mídia. Entendendo que isso só é possível a partir de um posicionamento aberto diante dos meios de comunicação, sem demonizações ou deslumbramentos.

Como sugerem vários teóricos da comunicação e da educação, é preciso inverter a preocupação do que a mídia faz com as pessoas para o conceito do que as pessoas podem fazer com a mídia. E levando essa proposta para a sala de aula, independente do caminho escolhido, da atividade realizada ou do grupo em questão, em algum momento despertará, no indivíduo ou no coletivo, a reflexão e o entendimento de que em cada produção de um produto de mídia existem recortes e escolhas que são subjetivas, e que a imparcialidade não existe. Ou seja, tudo que recebemos dos veículos de comunicação precisa ser interpretado com uma visão crítica, porque tudo é apenas parte da verdade.

Mas nesse processo é preciso respeitar o tempo e a bagagem de cada um, que com os seus recursos já fazem uma mediação do que recebem. Assim como Paulo Freire defendia que “*a leitura do mundo precede a leitura da palavra*”, é preciso ter consciência de que quando tratamos com adultos, a interpretação do mundo precede a interpretação da mídia. Como explica o próprio Paulo Freire, “ensinar não se esgota no tratamento do objeto ou do conteúdo, superficialmente feito, mas se alonga à produção das condições em que aprender criticamente é possível”.

4.5. O domínio da escrita e da leitura e sua relação com a mídia

É preciso ficar claro que apesar do domínio do código da escrita e leitura, evidentemente, não ser mais suficiente para a compreensão e interação com o mundo atual, é requisito fundamental. Porém, é preciso dar um novo significado para o ato de ler. Aqui entra as novas definições de letramento, que de uma forma bem abrangente é ensinar a ler e escrever dentro de um contexto onde a escrita e a leitura tenham sentido e façam parte da vida do educando.

Nessa linha, alfabetizado é o indivíduo que sabe ler e escrever; letrado é aquele que responde adequadamente às demandas sociais da leitura e da escrita, ou seja que é capaz de produzir e interpretar um texto, seja ele escrito ou falado.

Aqui encontramos o desdobramento da famosa frase de Paulo Freire, “a leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a *leitura desta implica a*

continuidade da leitura daquele”. Ou seja, na integração da mídia à educação é preciso que ao aprender a ler e escrever, o educando modifique a sua relação com a mídia. Para ser considerado letrado no mundo contemporâneo, é preciso dispor de ferramentas para interagir de forma críticas com os meios de comunicação.

4.6. A valorização social a partir da interação com a mídia

Uma das preocupações centrais desta pesquisa era identificar o que mudou na vida dos educandos da Escola Popular São Paulo Apóstolo, do ponto de vista da valorização social, depois que aprenderam a ler e escrever.

Questionados sobre isso, nenhum conseguiu verbalizar qualquer percepção nesse sentido. Confusos, lembraram de manifestações de motivação e admiração das famílias e padrões pelo que chamam de “esforço” de freqüentar uma escola “a essa altura da vida”.

Também é mínimo o sonho de mudança de status social através do estudo. Entre os entrevistados apenas uma aluna disse ter voltado para a escola com o objetivo de conseguir um emprego melhor.

Ao responderem a perguntas sobre o que mudou depois que aprenderam a ler, todos citaram questões práticas como locomoção, realização de tarefas como fazer compras, utilizar o caixa eletrônico, etc. Em nenhum momento surgiu qualquer resposta que induzisse a uma mudança enquanto cidadão participativo ou qualquer interação política-social.

Essas conclusões reforçam a necessidade de introduzir nessa formação elementos que desperte nessas pessoas a consciência de que o domínio da leitura pode levá-los a um novo posicionamento perante a sociedade. É necessário instigá-los a fazerem uma nova leitura do mundo e para tanto, das mídias. Para isso, “é preciso valorizar o mundo real dos sujeitos, considerá-los como protagonistas de suas histórias e não como receptores de mensagens e consumidores de produtos culturais.” (Beloni)

“Ser cidadão não tem a ver apenas com os direitos reconhecidos pelos aparelhos estatais para os que nasceram em um território, mas também com as práticas sociais e culturais que dão sentido de pertencimento.” Canclini

Desde McLuhan, passando por Pierre Lévy, Baudrillard e vários outros, os pesquisadores da comunicação e da educação sempre estiveram preocupados e atentos à questão de que “as tecnologias são mais do que meras ferramentas a serviço dos seres humanos. Ao intervir nos modos de perceber o mundo, de se expressar sobre ele e de transformá-lo, estas técnicas modificam o próprio ser humano em direções desconhecidas.” (Beloni).

Portanto, é responsabilidade dos educadores proporcionar espaço e apresentar elementos para que os indivíduos em processo de alfabetização e pós-alfabetização se repositionem em relação a interação com as mídias e tornem-se sujeitos atuantes na sociedade.

Conclusão

“É nadando que se aprende a nadar.
É trabalhando que se aprende a trabalhar.
Praticando, aprendemos a praticar melhor.”

Paulo Freire

Na educação das mídias e para as mídias, o princípio é tão simples quando a máxima acima de Paulo Freire, ou seja, é fazendo que se aprende.

Após a conclusão desta pesquisa algumas questões que já existiam no início do projeto ficaram ainda mais acentuadas. São elas: O que se pretende com a alfabetização de adultos atualmente? O que se espera com essa prática? Que competências se espera que essas pessoas adquiram? O que é necessário para formar um cidadão contemporâneo?

Num país onde 20% dos habitantes mais ricos e cujas rendas chegam a ser 32 vezes maior que as dos 20% mais pobres, o nível de escolaridade é proporcionalmente desigual. Se queremos uma sociedade com oportunidade semelhantes para todos, com entendimento e capacidade para provocar mudanças e revisões estruturais, cuidar da educação é o mínimo que se pode fazer. E pelo rol dos preceitos da boa educação, rever o papel e a formação dos professores e demais profissionais que atuam dentro e em conjunto com a escola, configura-se prioridade.

“Todos nós sabemos alguma coisa.
Todos nós ignoramos alguma coisa.
Por isso, aprendemos sempre.”

Paulo Freire

Às escolas e aos mestres, com carinho:

“Considero que a crítica, quando feita de maneira ética e competente, faz que as nossas ações se aprofundem ou se reorientem. Aprendamos com elas.”

Paulo Freire

Bibliografia

BELLONI, Maria Luiza. *O que é mídia-educação*. 2ª ed. Campinas, SP: Autores Associados. (Coleção polêmicas do nosso tempo:78), 2005.

CANCLINI, Nestor García. *Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1999.

DI PI, Maria Clara. *Descentralização, focalização e parceria: uma análise das tendências nas políticas públicas de educação de jovens e adultos*. São Paulo: Educação e Pesquisa, 2001.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. 48ª ed. São Paulo: Cortez, 2006.

_____. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 35ª ed. São Paulo: Paz e Terra (Coleção Leitura), 1996.

_____. *Educação na cidade*. 7ª ed. São Paulo: Cortez, 1991.

INEP. *Mapa do analfabetismo no Brasil*. Ministério da Educação, Brasília: 2007.

KLEIMAN, Ângela B. *Programas de educação de jovens e adultos e pesquisa acadêmica: a contribuição dos estudos do letramento*. São Paulo; Educação e Pesquisa, 2001.

MORAES, Denis (org.). *Sociedade midiaticizada*. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

MARTÍN-BARBERO, J. REY, G. *Os exercícios do ver: hegemonia do audiovisual e ficção televisiva*. São Paulo: Senac, 2001.

RIVOLTELLA, Cesare. *Mídia de massa e as novas tecnologias: oportunidade educativa numa sociedade em transformação* (tradução nossa).

RIVOLTELLA, Cesare. *A cidade como espaço para a comunicação formadora* (tradução nossa).

Anexos

1. Questionário

Questionário Básico para ser entrevista (conversa) a ser feita com os alunos da Escola Popular São Paulo Apóstolo

- Qual seu nome?
- Qual sua idade?
- Onde você mora?
- Você trabalha? Em caso afirmativo: fazendo o que? Em caso negativo, como você se sustenta?
- É a primeira vez que você frequenta uma escola? Em caso negativo, por que saiu da escola?
- Por que você quis estudar aqui?
- Como você soube desta escola?
- As pessoas da sua família terminaram os estudos?

Seqüência para sabermos o grau de contato com a mídia no ambiente extra-escolar desses alunos:

- O que você faz quando está de folga?
- Você costuma ver televisão?
- E ouvir rádio?
- Já pensou em usar computador? Máquina fotográfica? Walkman?

Seqüência livre de ordem para tentarmos avaliar e/ou perceber a “visão de mundo” desses alunos:

- Como é morar ou trabalhar no Rio de Janeiro?
- Não saber ler faz falta para você?
- O que mudou depois que você começou a estudar?

- No seu trabalho, você já precisou saber ler em alguma situação? E como você fez?
- Depois que você veio para cá, as pessoas tem lhe tratado da mesma forma?

Seqüência sobre a realidade na sala de aula:
--

- O que você mais gosta aqui na escola?
- Quais as aulas que você prefere?
- Por que você gosta mais dessas aulas?
- E quais as que você não gosta?
- Por que essas aulas não são boas?
- O que você aprendeu aqui que não imaginava que ia aprender numa escola?
- O que você gostaria de aprender que ainda não lhe ensinaram?
- Quando a professora traz assuntos diferentes para a sala o que você acha?
- O que a professora poderia falar na sala que ela não fala?
- Tem algum colega que você acha mais inteligente? E por que você acha que ele é mais inteligente?
- Você acha que está mais informado depois que começou a freqüentar a escola?
- E se você não tivesse entrado nessa escola, como seria sua vida?
- O que aqui tem de bom?
- Ficou melhor viver/trabalhar na zona sul depois que você começou a estudar?
- Você acha que agora está mais inteligente?
- E seus filhos (ou parentes) precisam ir para a escola também?
- Vale a pena vir para a escola mesmo depois de adulto?

2. Fotografias



1. Escola Popular São Paulo Apóstolo – Rio de Janeiro, RJ



2. Escola Popular São Paulo Apóstolo – Rio de Janeiro, RJ